

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

26 de Julho de 2021

A CINEMATECA COM A MONSTRA, FESTIVAL DE ANIMAÇÃO DE LISBOA

DAISY TOWN / LUCKY LUKE / 1971

Lucky Luke, o Destemido

Um filme de René Goscinny

Argumento: Morris, René Goscinny e Pierre Tchernia, a partir da banda desenhada epónima de Morris e Goscinny; colaboração no argumento de Philippe Landot, Alain De Lannoy, Edie Lateste e Jos Marissen / *Imagem (35 mm, Eastmancolor):* François Léonard, Jean Midre (operadores de câmara) / *Direção artística:* Morris / *Música:* Claude Bolligny / *Montagem:* Roger Cacheux, Jean-Pierre Cereghetti / *Som (mono):* Henri Gruel (efeitos sonoros), Jean Némy (misturas) / *Com as vozes, na versão original, de:* Maurice Bozzuffi (*Lucky Luke*), Pierre Trabaud (*Joe Dalton*), Jacques Balutin (*William Dalton*), Jacques Jouanneau (*Jack Dalton*), Pierre Tornade (*Averell Dalton*), Jean Berger (*Jolly Jumper/o narrador*), Roger Carel (*o papa-defuntos*), Jacques Fabbri (*o Presidente da Câmara*).

Produção: Belvision (Bruxelas), Dargaud Films (Paris), Les Productions Artistes Associés (Paris) / *Cópia:* dcp (transcrito do original em 35 mm), versão em inglês com legendas em português / *Duração:* 72 minutos / *Estreia mundial:* 15 de Dezembro de 1971 / *Estreia em Portugal:* Lisboa, 13 de Setembro de 1973 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

sessão apresentada por Fernando Galrito

A Bélgica tem uma importante produção no domínio da banda-desenhada (Tintim e Lucky Luke são os personagens mais famosos da “bd” belga, mas poderíamos citar vários outros) e também no domínio do cinema de animação. O filme desta sessão reúne precisamente estas duas artes tão próximas e tão diferentes. Trata-se da primeira transposição para o cinema das aventuras de Lucky Luke, um cowboy criado pelo desenhador belga Morris em 1946 e cujas aventuras, entre 1957 e 1977, teriam argumentos de René Goscinny. Em 1957, Goscinny já era um experiente profissional, autor de uma célebre série de livros para crianças, **Le Petit Nicolas** e a partir de 1959 seria o argumentista de uma série de bandas-desenhadas que se tornaria pelo menos tão célebre quanto **Tintim** e certamente mais célebre do que **Lucky Luke: Astérix**. Até à sua morte súbita em 1977, aos cinquenta e um anos, Goscinny escreveria todos os argumentos dos álbuns de Lucky Luke, naquele que é considerado o período de ouro das aventuras do personagem. Toda a ideia da série de bandas-desenhadas com Lucky Luke consiste em parodiar o western e por isto em todas as histórias há uma concentração dos elementos-chave deste género cinematográfico que moldou para sempre a imagem da “conquista do Oeste”: violentas cidades recém-fundadas (com não pouca sobrançeria, Eric Rohmer escreveu que uma das coisas que detestava nos westerns eram “aquelas horrendas cidades de madeira”), honestos cidadãos e aventureiros, xerifes, bandidos, dançarinas (que são mal disfarçadas prostitutas), saloons, índios, duelos na *main street* deserta, um forasteiro que (re)estabelece a ordem e que aqui não é outro senão o próprio Lucky Luke. Por conseguinte, este, “o homem que dispara mais depressa que a sua sombra”, é um cowboy, sempre com um cigarro pendurado nos lábios (suprimido à força em 1983, quando os estúdios Hanna and Barbera compraram os direitos e o cigarro foi substituído por uma folha de relva), inseparável do seu cavalo Jolly Jumper (mais tarde, agregou-se a ele um cão idiota chamado Ratanplan, em alusão a Rintintin), que restabelece tranquilamente a ordem nas intranquilas cidades do western. Uma das características do personagem é a calma

com que enfrenta perigos de morte, o que é uma paródia da calma soberana dos heróis do western diante dos perigos a que são confrontados e talvez seja um eco do principal elemento cómico da figura de Buster Keaton, a impávida placidez do seu rosto diante de tempestades e furacões. O filme foi lançado com o título de **Lucky Luke**, com o qual foi distribuído internacionalmente (intitulou-se **Lucky Luke, o Destemido** em Portugal, ao ser distribuído em Setembro de 1973) e só em 1983 foi rebatizado **Daisy Town**, embora o título original tenha sido preservado na cópia, como poderá constatar o espectador. Este também poderá lamentar o facto de termos recebido uma cópia “dobrada” em inglês, o que abole parte do sabor da história de Lucky Luke (embora permita uma réplica imortal, “*all the world is a stagecoach*”), que consiste no contraste entre o contexto ultra-americano em que ele age e o sua identidade de forasteiro europeu e francófono, apesar da sua indumentária e do seu comportamento de um típico e solitário homem do Old West, sem pouso certo.

Em 1967 e 1968 foram feitas as primeiras adaptações de Astérix para o cinema, com dois filmes de animação que transpunham dois álbuns de banda-desenhada, **Astérix le Gaulois** e **Astérix et Cléopâtre**. Os resultados não foram dos melhores Morris e Goscinny talvez tenham tirado uma lição deste fracasso artístico: estes dois filmes acrescentavam gags a histórias já existentes, enxertavam fora de propósito números com canções e sonhos, não tinham a concisão dos álbuns e, sobretudo, não davam ao espectador aquilo que ele esperava: uma fiel transposição animada de uma história já conhecida. Seja como for, quer tenha sido ou não tirada uma lição do fracasso artístico dos dois filmes com Astérix e Obélix, ao invés de transpor para o cinema um dos muitos álbuns da série do cowboy, René Goscinny escreveu um argumento original para **Lucky Luke/Daisy Town**, maneira segura de se proteger da decepção dos leitores dos álbuns. Tratava-se de mostrar uma versão literalmente animada dos celebérrimos personagens da banda-desenhada, mas sem cair na esparrela de animar uma história já conhecida e que o espectador queria que ficasse intocada. Em suma, tratava-se de dar vida cinematográfica a Lucky Luke, Jolly Jumper e aos impagáveis irmãos Dalton, mas não de transpor aventuras deles já mostradas num álbum. Em **Lucky Luke/Daisy Town**, temos todos os elementos da banda-desenhada no seu estado original: Lucky Luke ainda tem o direito de fumar e enrolar os seus cigarros, assim como o de dar tiros à vontade (mais tarde seria considerado demasiado violento) e ainda não era considerado imoral mostrar um mexicano eternamente a fazer sesta e um chinês dono de uma lavanderia.

Lucky Luke/Daisy Town foi feito com a intenção de parodiar uma paródia, pois em vez de usarem como modelo o western clássico os seus autores voltam-se para o seu *pastiche* europeu, o *western spaghetti*, atendo-se a uma trama narrativa elementar e suficiente. Um forasteiro (Lucky Luke) chega a uma típica cidade do western e, por ser destemido, é nomeado xerife; uma temida quadrilha formada por quatro irmãos decide tomar conta da cidade e a este conflito vêm misturar-se os índios da região, com a chegada da cavalaria ao último minuto (“- *Como conseguiram chegar até aqui? - A cavalaria sempre chega*”). A indispensável presença dos irmãos Dalton, bandidos ao mesmo tempo temíveis e incosequentes, é especialmente conseguida, com o clássico gag do bandido pequenino que “*do the thinking*”, ao passo que o de maior tamanho e maior força física é de uma burrice tal que se torna inoperante. A simples presença de personagens familiares e a sucessão de uma série de situações-tipo são suficientes para justificar o filme para qualquer espectador que tenha um mínimo de familiaridade com as aventuras de Lucky Luke.

Antonio Rodrigues